

LYDIA BENNET EM DOIS TEMPOS

Maria Cláudia Gastal de Castro Ramos¹
Professora Dra. Sandra Sirangelo Maggio

RESUMO

Esse ensaio tem por objetivo fazer uma análise da personagem Lydia Bennet, da obra *Pride and Prejudice* (1813), da escritora inglesa Jane Austen, como apresentada na obra original e em sua transposição para o século XXI, na adaptação americana para a websérie *The Lizzie Bennet Diaries* (2012). Nosso intuito é estabelecer uma comparação entre os parâmetros de comportamento enfatizados nas duas épocas, a partir da análise de possibilidades de movimentação dessa personagem. Como embasamento teórico-crítico, utilizamos conceitos de gênero como propostos por Scott (1986) e Lauretis (1994), que entendem os papéis de homem e de mulher como construções sociais impostas aos indivíduos, as quais são incorporadas como princípios naturais e inerentes de cada sexo. A partir dessa análise, podemos entender Lydia Bennet como uma personagem cujos comportamentos previsíveis e decorrentes dos valores que absorve servem como exemplo desse condicionamento social, ao mesmo tempo em que revelam a ironia e o questionamento de paradigmas que subjazem a sua criação, tanto na versão do século XIX quanto na do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: *Pride and Prejudice*, *The Lizzie Bennet Diaries*, estudo de gênero.

ABSTRACT

The objective of this essay is to analyze the character Lydia Bennet, from *Pride and Prejudice* (1813), by the British writer Jane Austen, as displayed in the original work and its transposition to the 21st c, in the American adaptation to the webseries *The Lizzie Bennet Diaries* (2012). Our intention is to establish a comparison between the behavior standards in each time, based on the analysis of possibilities of moves of the character. As theoretical and critical assumption, we use gender concepts proposed by Scott (1986) and **Lauretis (1994). Those concepts understand the man's and woman's roles as** social constructions imposed to the subjects. Such roles are incorporated as natural and inherent of each sex. Given this analysis, we are able to understand Lydia Bennet, whose acts are consequence of values she absorbs, as an example of this social condition. At the same time, she reveals an irony and a questioning over the paradigms that sustain her growth, both in her version in the 19th c. as in the 21st c.

¹ Bacahrel em Letras, habilitação português-inglês, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

KEY-WORDS: *Pride and Prejudice, The Lizzie Bennet Diaries, gender study.*

1. INTRODUÇÃO

A literatura inglesa é de riqueza inestimável, e sua variedade e extensão têm sido estudadas das mais diversas maneiras. Jane Austen não foge à regra. Sendo uma das primeiras romancistas mulheres, sua escrita limpa e fluida, a construção de personagens empáticos e a capacidade de tocar em temas atemporais da natureza humana fazem com que seus romances se tornem estimados e alvos de análises sob os mais diferentes aspectos e nos mais diversos lugares.

Jane Austen`s primary interest is people, not ideas, and her achievement lies in the meticulously exact presentation of human situations, the delineation of characters who are really living creatures, with faults and virtues mixed as they are in real life. Her plots are straightforward; there is little action. In this, and in her **preoccupation with character as opposed to ‘types’** (the static hero and heroine and villain, beloved of Victorian novelists) she shows herself closer to our own day than any other novelist of her period. (BURGESS, pp.174-175).

Dentre as obras que mais conquistam o público há duzentos anos está *Pride and Prejudice* (1813), e, ainda que esta não seja a sua obra mais madura, é, de longe, uma das mais famosas. Poderíamos nos estender muito listando os porquês, mas além dos atributos literários dos romances de Austen mencionados anteriormente, *Orgulho e Preconceito* mexe tanto com o imaginário romântico quanto com o fino senso de humor dos leitores. Essa característica dúbia de racionalidade e sensibilidade é o que mantém Austen como uma escritora única, que não se encaixa nem na escola romântica nem na classicista.

The reputation of Jane Austen (1775-1817), on the other hand, has never been higher. She has not dated: her **novels have a fresh and humour (...), a delicacy we can appreciate (...). The first important woman novelist, she** stands above both the classical and romantic movements; in a sense she bridges the gap between the eighteenth and nineteenth centuries, but she can be assigned to no group – she is unique. (BURGESS, p.174).

And from the beginning she (Jane Austen) was able to seize and enjoy an astonishing freedom to move from one to another level of her fictions, shifting easily from the romantic point of view to a place where romance can only be viewed ironically. More than anything else, these shifts convey the contagious pleasures of a free play of mind - while they signal that the turns and tones and surprising conjunctions, the differences between ways of seeing, are what matter most. (BROWNSTEIN, pp. 56-57).

Além disso, essas mesmas características trabalhadas em personagens femininas fortes fizeram com que alguns críticos chamassem-na *proto-feminista*. Em *Pride and Prejudice*, por exemplo, Lizzie é uma subservisa sem o ser, seus questionamentos quanto ao gênero humano e sua resistência ao casamento sem amor dão-lhe um tom de autonomia e independência característicos de feministas modernas. Lizzie, como protagonista da história, teve sua personalidade e atitudes esmiuçadas, como por exemplo em *Jane Eyre de Charlotte Brontë e Pride and Prejudice de Jane Austen: como os filmes e as miniséries recriaram as heroínas na cultura ocidental* (tese de Andrea Rehm, 2015).

Uma mulher racional, dotada de um intelecto ímpar, ambientada em um local infértil em um tempo que tenta esconder os dotes femininos que não sejam pintar, bordar, tocar piano e acolvitar, Elizabeth Bennet escapa do tédio e das barreiras que a cercam de forma criativa, inteligente e humorada pelos, principalmente, diálogos da personagem. (REHM, 2015, p. 75).

Mas muitas outras personagens formam o universo, principalmente, feminino de *Pride and Prejudice*. E são elas que, relacionadas a Lizzie, lhe acentuam as virtudes e vícios. Dentre elas, estão suas irmãs, cujas presenças contrastam com sua índole reservada. Lydia, a irmã caçula, faz o papel da balança de Lizzie. Enquanto a última tem um senso de humor fino e um (suposto) grande conhecimento do ser humano, Lydia é propensa a brincadeiras, flertes e risos espontâneos.

A proposta desse ensaio se baseia na análise dessa personagem que tem sido tratada como rasa. Sua aparição é acessório para os desdobramentos que acontecerão na vida da protagonista. Vamos analisar, portanto, Lydia mais de perto, observando seu comportamento dentro da sua criação e do seu contexto cultural, social e histórico. Entender Lydia é rever *Pride and Prejudice*, é adentrar a narrativa a partir de um olhar diferente que pode contar ao leitor coisas que não foram ditas; e ter um novo enfoque numa obra é sempre enriquecedor.

Encontrar estudos a respeito de *Pride and Prejudice*, concentrados principalmente em Lizzie, bem como sobre suas adaptações, não é uma tarefa difícil. Estão aí *Pride and Proliferation: Jane Austen meets zombies in a mash-up* (Adriane Ferreira Versa, 2015) e *Cinema, Religion and Literature: Revisiting, Recreating and Reshaping Jane`s Austen`s Pride and Prejudice as a 21st century comedy* (Dudlei Floriano de Oliveira, 2012) para provar isso, por exemplo.

O ineditismo se encontra numa análise de Lydia, que a lê à luz do feminismo, especialmente a análise do estudo com base nas definições de gênero, que procuram entender a inserção social dos indivíduos dentro de sua época e local, como frutos gendrados de suas sociedades.

Um estudo feminista traz subsídios para futuras pesquisas sociais a respeito do papel das mulheres e a secularização desses papéis, já que vamos comparar as diferenças, mas principalmente as semelhanças entre a Lydia Bennet da obra original quanto sua adaptação para a websérie *The Lizzie Bennet Diaries*, que atualiza Lydia para uma personagem do século XXI, a qual, no entanto, carrega muitas das mesmas verdades ensinadas às mulheres do século XIX,

A série foi lançada em 2012, no YouTube, ela é organizada em cem vídeos curtos, cada um com duração média de vinte minutos. Os vídeos consistem basicamente na personagem principal, Lizzie Bennet, uma menina americana, relatando sua vida diária em frente a uma câmera. Esporadicamente, alguém aparece para se juntar a ela na gravação, como por exemplo suas irmãs, reduzidas nessa versão a somente Jane e Lydia, sua melhor amiga Charlotte e assim por diante.

Ao pensar na série (ou mesmo na adaptação fílmica de Joe Wright, 2015), vem à mente algo que uma professora uma vez disse: acreditar que um clássico é eterno é uma ilusão. Um clássico só se mantém cânone porque ele é revivido e reinventado. As peças de Shakespeare, por exemplo, são relidas e reinterpretadas frequentemente para que jamais sejam esquecidas e se mantenham como obra-primas que são. Estudar os clássicos, portanto, não é **meramente comodismo ou “chover no molhado”, mas sim rever o que parecia óbvio, questionar o** cristalizado, inovar o conhecido e perpetuar a produção artística para as novas gerações a fim de não esquecermos as riquezas culturais da humanidade.

Além disso, está em voga nos estudos literários mais atuais, uma leitura multidisciplinar de obras datadas, ajudando-

nos a lê-las e descobrir sua riqueza com um olhar crítico, que entende as limitações do humano dentro de sua época e lugar. Portanto, podemos apreciar o todo de uma certa obra, entendendo mais do trabalho em si, mas também todo o contexto no qual está inserido, e como ele tem sido tratado, interpretado e finalmente trazido para os nossos dias.

Assim, a fim de presentear o público atual com o prazer de obras-primas, muitas delas têm sido adaptadas para outras mídias a fim de entreter-nos. *Pride and Prejudice* já foi revisto e refeito diversificadamente. Suas inúmeras interpretações geraram variadas adaptações tanto para a própria literatura, como *Pride and Prejudice and Zombies* (2009), para a TV, como a minissérie da BBC (1995), ou para o cinema, como o mais recente filme, de 2005, de Joe Wright, estrelando Keyra Knightly. Uma novíssima adaptação de *Pride and Prejudice* é a websérie *The Lizzie Bennet Diaries*, que atualiza os já tão bem conhecidos personagens como jovens dos Estados Unidos no século XXI, lidando com problemas que muitos de nós estamos acostumados a encarar.

Analisando o papel de Lydia na websérie e comparando-a à personagem principal, ambas sob uma tentativa de interpretação feminista, esperamos que a proposta venha então a acrescentar mais uma possível leitura a uma obra tantas vezes retomada. Assim, ao lermos Lydia positivamente e dar vida a uma personagem plana e secundária, talvez possamos enriquecer a paraliteratura e possamos oferecer mais um ponto de vista a ser relevado nos próximos intentos relacionados a *Pride and Prejudice* e às obras de Austen.

2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

O presente trabalho visa à comparação de duas versões da mesma personagem Lydia Bennet. A primeira é a Lydia original na obra da escritora britânica, Jane Austen, *Pride and Prejudice*, produzida em 1813. A segunda versão é a adaptação do livro para a websérie chamada *The Lizzie Bennet Diaries*, lançada em 2012 no website YouTube. A ideia é compará-las sob uma teoria feminista, levando em consideração o conceito de gênero a fim de entendê-las dentro de suas realidades, apontando suas similaridades e diferenças.

3. OBJETIVOS

- Comparar duas versões de uma mesma personagem: Lydia Bennet. Uma da obra original, o romance *Pride and Prejudice* (1813), Jane Austen, e sua adaptação para a websérie *The Lizzie Bennet Diaries* (2010) sob uma perspectiva feminista, elencando semelhanças e diferenças a fim de entender suas motivações, suas atitudes e suas consequências.
- Mostrar como ela pode ser uma personagem cujo comportamento previsível serve como ironia e questionamento de paradigmas sociais tanto no século XIX quanto no século XXI.

4. METODOLOGIA

Como parte dos objetivos dessa empreitada foram feitas a leitura e a visualização da websérie completa, pontuando as aparições de Lydia. Dentro dessas pontuações, foram listados os contextos nos quais elas aparecem, caracterizando tempo e espaço nos quais as personagens estão inseridas para fins de análise do seu papel dentro de uma sociedade específica.

O comportamento das personagens foi visto e analisado dentro de cada versão apresentanda (romance e websérie)

para que seus resultados pudessem ser entendidos sob uma perspectiva feminista, baseada no pressuposto de gênero como construção social de efeitos reais (SCOTT, 1986; LAURENTIS, 1994).

5. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

As partes que integram esta seção tratam de temas teóricos que são fundamentais para a análise da pesquisa, cujo tema é a comparação da personagem Lydia Bennet nas versões da obra original de Jane Austen e na adaptação da obra para a websérie *The Lizzie Bennet Diaries*.

A primeira parte desta seção procura traçar considerações a respeito da personagem Lydia Bennet, tanto em sua versão original bem como em sua adaptação para a websérie a fim de elencar semelhanças e diferenças entre as duas versões. A segunda é composta pelo modelo teórico feminista, baseado no pressuposto de gênero ou do sistema sexo-gênero, o qual dará subsídios para a análise dos dados da pesquisa.

5.1 Relato da Obra

Lydia Bennet, a irmã mais nova das cinco Bennet da obra de JA, é retratada (e entendida) como uma menina mimada, que flerta com qualquer homem solteiro a fim de casar-se. Ela, no entanto, é fruto de uma educação caótica: de um lado, um pai relapso e indiferente, de outro uma mãe preocupada com que suas filhas casem a qualquer custo a fim de garantir um futuro para as mulheres da família após a morte de Mr. Bennet. O caráter de Lydia é, assim, dúbio, ao mesmo tempo que busca o mesmo fim das moças da sua época – o casamento –, ela está

disposta a se expor de uma forma nada convencional para uma menina do seu tempo.

Lydia was a stout, well-grown girl of fifteen, with a fine complexion and good-humoured countenance; a favourite with her mother, whose affection had brought her into public at an early age. She had high animal spirits, and a sort of natural self-consequence, which **the attentions of the officers, to whom her uncle's good dinners, and her own easy manners recommended her,** had increased into assurance. She was very equal, therefore, to address Mr. Bingley on the subject of the ball, and abruptly reminded him of his promise; adding that it would be the most shameful thing in the world if he did not keep it. (...) (AUSTEN, p. 227)

Lydia é, assim, responsável por boa parte da comicidade da narrativa. No entanto, mais do que uma personagem bem-humorada, ela é também um objeto dos propósitos patriarcais a que as mulheres eram enquadradas. Entre os exageros das risadas escandalosas e os flertes inapropriados, a narradora pinta um retrato de uma personagem presa a um paradigma social com a qual muitas leitoras poderiam se reconhecer, entender e questionar tanto a ela quanto a si mesmas. E no não-dito da situação cômica de Lydia, está uma mulher gendrada, que crê que o desejo de casar-se é antes seu do que uma imposição, e que, portanto, corre para o seu destino sem ter a capacidade de refletir se este é mesmo o fim que deseja. Laurentis, 1994, fala desse processo como *interpelação* **(ALTHUSSER, 1971), que seria “o processo pelo qual uma representação social é aceita e absorvida por uma pessoa como sua própria representação, e assim se torna real para ela, embora seja de fato imaginária.” (p. 220) que baseia-se** no pressuposto de que os gêneros masculino e feminino, muito além das diferenças biológicas dos corpos de macho e fêmea,

são representações ideológicas de concretude social. “O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.” (SCOTT, 1986, p. 7). O matrimônio com Wickham, um homem sem princípios, se torna então tanto o seu prêmio como seu castigo.

A nova Lydia, trazida para a adaptação da websérie, mantém as características de humor, comicidade e inadequação social. Perante as dificuldades de lidar com a vida adulta que se aproxima, sentindo-se emocionalmente afastada das irmãs, Lydia se comporta de forma irresponsável, foge da coersão familiar e confia sua parca felicidade a um jovem sedutor, que trai sua confiança. O sofrimento que seu namoro traz então é um castigo moral, que será redimido na sua volta para casa e reconciliação com a família.

5.2 Análise e Considerações Finais

Como mencionado acima, uma característica peculiar à narrativa de *Pride and Prejudice*, e talvez o seja em outras obras de Jane Austen, é o não dizer. Conforme Andréa Rehm

Para adentrar o rico universo de Jane Austen, deve-se deixar a camada superficial do romance para trás, dedicando especial atenção às indicações nos diálogos, parte mais importante do texto, que remete ao panorama social, econômico e moral pintado pela autora. O leitor necessita combinar elementos a fim de atingir o texto. Assim, o vazio do não dito por Austen se torna uma conexão em potencial entre o leitor e o texto. (REHM, 2015, p. 35).

Andrea Rehm (2015), em sua tese de doutorado, explora essa aspecto principalmente para entender a transição feita da

obra escrita para as adaptações para longa-metragem e minissérie e como esses silêncios seriam preenchidos pelo leitor/espectador. Diante dessa possibilidade de interação/criação por parte do leitor, a obra de Austen abre espaço para interpretações de variadas perspectivas que procuram entender o não-dito.

À luz do feminismo e dos seus pressupostos de gênero, os quais buscam entender quem é a mulher e qual o papel esperado desta na sociedade, e as muitas formas de desconstruir esse entendimento cristalizado, vemos a personagem Lydia Bennet como uma ironia – do status do casamento no início do século XIX ou da procura por uma figura masculina que salve a mulher da solidão no século XXI – e um questionamento velado a estes paradigmas sociais a que a mulher está sujeita, seja ela uma moça da Inglaterra pré-vitoriana seja uma adolescente americana dos anos 2000.

Para tanto, elencamos duas definições de gêneros que se complementam:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as **“construções sociais”** – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, p. 7).

O sistema de sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais. Assim a proposição de que a

representação de gênero é a sua construção, sendo cada termo a um tempo o produto e o processo do outro, **pode ser reexpressa com mais exatidão: “A construção** do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação. (LAURENTIS, 1994, p. 212).

Ambas acepções estabelecem gênero como uma construção social, que vai além da simples classificação sexual de feminino e masculino. Sob esse ponto de vista, somos capazes de explicar Lydia como consequência do contexto social em que se encaixa. Dela, no século XIX era esperado que, além de uma mulher refinada e bem educada, conforme as palavras de Miss Bingley

A woman must have a thorough knowledge of music, singing, drawing, dancing, and the modern languages, to deserve the word; and besides all this, she must possess a certain something in her air and manner of walking, the tone of her voice, her address and expressions, or the world will be but half deserved. (AUSTEN, 1813).

também tivesse a capacidade de encontrar um bom marido para que ela própria ganhasse um status dentro da sua comunidade. Enquanto que no século XXI, Lydia é cobrada a se comportar **como uma “moça” madura e a encontrar um sentido na sua vida**, o qual ela vai buscar no relacionamento com Wickham.

Se ambas Lydias são exemplos de comportamentos sociais a não serem seguidos, e são, portanto, punidas publicamente por sua irresponsabilidade e levianidade moral, elas também são chaves para leituras mais progressistas e para questionamentos do papel da mulher dentro da sociedade. As Lydias merecem releituras, como mulheres gendradas, vítimas de sociedades machistas que não lhe deram oportunidade de se repensar. Acreditamos que nelas, a leitora é capaz de reconhecer

o ridículo de uma situação a que uma mulher é convencida a se submeter e convencida a se penalizar, levando à autoconscientização.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. London, Oxford University Press, **The World's Classics Collection, printed in 1971.**

BROWNSTEIN, Rachel M. Northanger Abbey, Sense and Sensibility, Pride and Prejudice. In: COPELAND, E. MCMASTER, J. (ed.). *The Cambridge Companion to Jane Austen*. Great Britain, Cambridge University Press, 1997, pp. 32-57.

BURGESS, Anthony. *English Literature: A Survey for English Students*. UK: Longman, 1974.

FAIRCHILD, Elizabeth. Any Way You Slice It. In: CRUSIE, J. (ed.). *Flirting with Pride and Prejudice: Fresh Perspectives on the Original Chick-lit Masterpiece*. Dallas, Texas, Benbella Books, INC, 2005, pp. 43-50.

FUNCK, Susana Bórneo. *Gênero e(m) Discurso(s)*. Rev. Estud. Fem. vol. 17 no.2. Florianópolis. May/Aug. 2009.

_____. *O Trinômio Gênero/Raça/Classe no Romance Feminista Contemporâneo*. Ilha do Desterro. Florianópolis, n° 42, pp. 181-189. Jan/jun 2002.

GRAHAME-SMITH, S.; AUSTEN, J. *Pride and Prejudice and Zombies*. Philadelphia: Quirk Books, 2009

KENDRICK, Beth. “Does this petticoat make me look fat?”: Having It All in Jane Austen’s Time and Today. In: CRUSIE, J. (ed.). *Flirting with Pride and Prejudice: Fresh Perspectives on the Original Chick-lit Masterpiece*. Dallas, Texas, Benbella Books, INC, 2005, pp. 7-12.

LANGTON, S.: DAVIES, A. *Orgulho & Preconceito*. [Mini-série DVD]. Produção da BBC, direção de Simon Langton, adaptação de Andrew Davies. UK, BBC, 1995. 3 DVDs Vídeo, 330 min. color. son.

LAURETIS, Teresa de. The Technology of Gender. In: *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*. Indiana University Press, 1987, pp. 1-30.

OLIVEIRA, Dudlei Floriano. Cinema, Religion and Literature: revisiting, recreating and reshaping Jane Austen's *Pride and Prejudice* as a 21st c. comedy. Dissertação de mestrado em Literaturas de Língua Inglesa. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

REHM, Andréa de Cássia Jardim. *Jane Eyre* de Charlotte Brontë e *Pride and Prejudice* de Jane Austen: como os filmes e as minisséries recriam as heroínas na cultura ocidental. Tese de doutoramento em Literatura Comparada. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

SCOTT, Joan. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: *The American Historical Review*, Vol. 91, N° 5, dez/1986, pp. 1053-1075.

TODD, Janet. *Pride and Prejudice*. In: TODD, J. *The Cambridge Introduction to Jane Austen*. New York, US, Cambridge University Press, pp. 60-74.

VERAS, Adriane. *Pride and Proliferation: Jane Austen meets zombies in a mash-up*. Dissertação de mestrado em Literaturas de Língua Inglesa. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

WRIGHT, J. *Pride and Prejudice*. Produção de Tim Bevan. Adaptação de Deborah Moggach, UK: Universal: 2005. 1 DVD (127 min).

YouTube, *The Lizzie Bennet Diaries*. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/LizzieBennet>>. Acessado em 8 de julho de 2015.

YouTube, *The Lydia Bennet*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/TheLydiaBennet>>. Acessado em 8 de julho de 2015.